

# **A botija: Cultura popular na novela de Clotilde Tavares**

Autor: Jonh Kennedy Ferreira Da Silva\*

Orientador: Profa. Dra. Conceição Flores\*\*

## **RESUMO**

*A botija* é uma novela escrita por Clotilde Tavares, publicada em 2003. No livro, três narrativas oriundas da cultura oral se entrelaçam, formando uma história cheia de fantasia e aventura. Através da narrativa, a escritora relata histórias que ouviu na infância que são entrelaçadas com cordéis que fazem parte da tradição nordestina, como “O Pavão misterioso”. O presente trabalho trata de investigar o resgate de aspectos históricos e culturais feito pela escritora, enfatizando as personagens femininas como preservadoras da memória. Embasamos este trabalho na crítica pós-colonialista e nos conceitos de memória evocados por Éclea Bosi. Conclui-se que *A botija* exerce um papel relevante na valorização da cultura nordestina e da sertaneja, influenciando as novas gerações de leitores a valorizarem a literatura e cultura dessa região.

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Imaginário. Memória.

## **RESUME**

*A botija* is a novel written by Clotilde Tavares, published in 2003. In the book, three narratives derived from the oral culture are intertwined, forming a story full of fantasy and adventure. Through narrative, the writer tells stories heard in her childhood that are intertwined with cordéis that are part of the Brazil northeastern tradition, as Pavão Misterioso. This work deals with investigating the rescue of historical and cultural aspects made by the writer, emphasizing the female characters as memory preservers. It is used the post-colonial criticism and memory concepts evoked by Ecléa Bosi as background of this work. It is concluded that *A botija* plays an important role in the enhancement of northeastern culture and of country, influencing new generations of readers to appreciate the literature and culture of this region.

\*Graduando de Letras da Universidade Potiguar- [jo-nh-kennedy@hotmail.com](mailto:jo-nh-kennedy@hotmail.com)

\*\* Professora do curso de Letras da Universidade Potiguar- [conflores.natal@gmail.com](mailto:conflores.natal@gmail.com)

Keywords: Literature . Culture. Imaginary. Memory.

## **INTRODUÇÃO**

A memória, cultura e literatura popular, muitas vezes, estão presentes em grandes obras literárias, influenciadas pelo meio em que são escritas. A literatura, nesse sentido, pode ser considerada uma forma que o ser humano encontrou para preservar sua história, suas crenças e cultura. No entanto, por diversas vezes as expressões literárias são estigmatizadas, sendo tratadas como uma forma menos “cultura” de arte. Assim, é de suma importância a presença de escritores que valorizem suas influências culturais e preservem-nas em suas obras.

A paraibana Clotilde Tavares pode ser classificada no grupo desses escritores. Nascida em Campina Grande-PB, a escritora foi criada em uma família de poetas e músicos, cercada de manifestações artísticas e rica vivência cultural. Filha do jornalista e poeta Nilo Tavares, e irmã do poeta e escritor Bráulio Tavares, Clotilde Tavares traz, em livros como *A botija* e *O monstro das sete bocas*, toda a riqueza cultura, cultivada por gerações de sua família.

Oriundas da cultura popular, as histórias sobre botijas são comuns a muitas culturas, em diversas partes do mundo. Em seu livro *A botija*, Clotilde Tavares narra uma história fantástica, que mistura amor, coragem e sonhos, e que é permeada pela cultura popular. A paisagem, os costumes, as crenças e a linguagem popular dão forma ao clima de nostalgia e sonho, presentes no livro.

Focaliza-se, neste trabalho, aspectos históricos, literários e culturais que circundam pontos analisados do livro *A botija*. Discute-se a existência da botija, em suas formas fantástica e real, considerando a influência que ambas exercem sobre a narrativa. As diversas narrativas que se entrecruzam são expostas, focalizando-se a presença da cultura popular, dos costumes, origem oral das narrativas e de sua importância para a propagação da cultura, crença e memória popular.

## **BOTIJAS**

A cultura popular é rica em narrativas e mitos, que demonstram o conhecimento, a história e as crenças de uma comunidade e/ou de um povo. Ao se estudar determinados tipos de expressão popular, como a literatura, observa-se que elas colaboram para a construção da identidade dos indivíduos. É relevante, também, observar-se a tentativa de se manter costumes e crenças de uma

determinada cultura através das histórias, predominantemente em sua forma oral se estendendo à forma escrita.

A busca por tesouros perdidos, baús com riquezas e ouros no fim do arco-íris ultrapassa os limites geográficos, fazendo-se presente em culturas totalmente diferentes e fazendo parte do imaginário de pessoas no mundo todo. Em algumas regiões do Brasil, as riquezas estão enterradas em variados objetos, entre eles, baús, potes de barro e recebem o nome de *botija*. As narrativas populares que relatam acontecimentos envolvendo botijas são muito comuns. No entanto, há dois tipos principais de botijas: a botija do mundo “real”, que era usada para enterrar os bens materiais, contendo ouro, patações ou joias, sendo um tesouro para quem o encontra; a botija do mundo fantástico, que é revelada em sonhos, por fantasmas, sendo envolvida em misticismos.

O primeiro tipo de botija é uma herança dos tempos em que não havia bancos, sendo necessário, aos que tinham poses, esconder o que possuíam. Havia diversas formas de se esconder os bens, sendo eles: enterrar em um terreno abandonado, distante, onde ninguém pudesse encontrar, ou empregar em algum cômodo da casa. Cascudo (1999, p. 862) narra “[...] ouro em moedas, barras de ouro ou de prata, deixados pelo holandês ou escondido pelos ricos, no milenar e universal costume de evitar o furto ou os ladrões.”. Dessa forma, após algum tempo do tesouro escondido, o dono falecia, ou após anos, se esquecia do esconderijo, ficando para a prosperidade, o legado de um tesouro perdido.

O outro tipo de botija é fruto da crença popular, segundo a qual, a botija é um tesouro dado àqueles que merecem, ou que são realmente corajosos para desenterrá-lo. O ato de desenterrar a botija constitui-se um verdadeiro ritual, misturando influências de diversas crenças, marcando o sincretismo brasileiro. Segundo Cascudo (1999, p. 770) “Para cavar botija (tesouro enterrado) é indispensável a vela acesa, saída de um altar e meio consumida”.

Sonhar com a botija, é, nesse ponto de vista, pré-requisito para se ter direito à riqueza guardada nela. Esse fator demonstra uma gama de crenças em torno da botija e do sonho, que perpassa a história e as sociedades. Cascudo (1999, p. 831), tratando da historicidade do sonho, explica:

Em todos os povos e épocas o sonho foi aviso divino e elemento do sobrenatural. Criou-se uma ciência para explicá-lo, a oniromancia[...]. Os deuses falavam através dos sonhos, Ísis, Cíbele, Hemitreu [...]. Na Bíblia são dezenas de mensagens sagradas, os sonhos de Jacó em Bétel, Labão, Daniel, as setes vacas gordas do Faraó que José

decifrou, etc. [...] O povo continua sonhando e traduzindo segundo os processos velhos, analógicos ou dedutivos, obstinado em aceitá-lo como aviso, mensagem, anúncio sobrenatural e digno de exame e pesquisa.

Na novela *A botija*, Clotilde Tavares faz uma mistura entre esses dois tipos de botijas. O tesouro tratado na narrativa não é, tão somente, fruto da fantasia do protagonista, Pedro Firmo; nem é, unicamente, um baú com bens, enterrado por um homem rico e esquecido com o passar do tempo. O tesouro de *A botija* é revelado em sonho, mas não há um espectro que surge para revelá-lo. Além da revelação onírica a Pedro Firmo, não há nada a mais de sobrenatural no processo de desenterrar a riqueza. O tesouro parece realmente existir, não há nenhuma dúvida por parte de Pedro Firmo. Destaca-se aqui, novamente, a crença em um aspecto profético dos sonhos, já citado acima. Além disso, a busca pelo sonho, enfatizando a polissemia da palavra, é uma recorrente na literatura universal. Podem ser citados *História dos dois que sonhara*, de Jorge Luís Borges, *O pássaro azul*, de Maeterlinck e *O alquimista*, de Paulo Coelho. Nessas narrativas, a viagem provocada pelo sonho pode ser interpretada como metáforas para o autoconhecimento, a valorização do que é nosso, a volta ao lar, a volta a si. Como esclarece Mendes, “O herói é o símbolo da alma enfrentando as duras provas, em busca de sua realização, processo que Jung chama de ‘individualização.’” (2000, p. 34).

Ao encontrar o seu tesouro, Pedro Firmo não enfrenta criaturas sobrenaturais, não carrega consigo nenhum amuleto ou água-benta. Dessa forma, não há, no ato de encontrar a botija, nada de sobrenatural. Esse aspecto pode dotar a narrativa de mais mistério ainda, pois, com a incerteza do aspecto sobrenatural ou não, mistura o real (o ouro enterrado) e o fantástico (a revelação através do sonho), tratando-os como indissociáveis, criando um clima fantástico para a narrativa.

## **A BOTIJA DE CLOTILDE TAVARES**

A botija é uma novela escrita pela escritora paraibana Clotilde Tavares, publicada em 2003 e escolhida pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010, fazendo parte do acervo de todas as bibliotecas de escolas públicas do Brasil. Outras demonstrações da importância do livro é sua premiação no prêmio literário Câmara Cascudo, concedido pela Prefeitura de Natal. Essa foi a primeira vez que uma mulher recebeu o prêmio. O livro também foi selecionado para o box Letras Potigüares, da editora A.S Editores, que contemplou outros nove escritores da

literatura potiguar: Polycarpo Feitosa, Franco Jasiello, Newton Navarro, Magdalena Antunes, Tarcísio Gurgel, Jaime Hipólito, Eulício Farias de Lacerda, Iaperí Araújo, e Pablo Capistrano são os outros nomes da coleção.

A história, oriunda da literatura oral, é tecida com três narrativas fantásticas que se entrelaçam, proporcionando uma leitura prazerosa, que encanta leitores de diversas idades. Na composição da narrativa, é possível detectar influências de *As mil e uma noites*. De início, temos a história de Pedro Firme, vaqueiro do interior de Minas Gerais, da fazenda Porteira roxa, que sonha há vinte anos com uma botija enterrada em uma tabacaria na cidade de Recife (onde ele nunca havia estado). Após decidir viajar em busca de seu sonho, o vaqueiro encontra figuras misteriosas que problematizam sua aventura. É nesse ponto que ele encontra um feiticeiro e acaba sabendo do feitiço feito pela filha do velho bruxo. Eulália, herdeira do feiticeiro, joga uma maldição em seu pai, por ele ter feito o grande amor dela esquecer-lá. Para ajudar o feiticeiro, Pedro Firme tem de fazer Flaviano (o amor de Eulália) lembrar-se de sua amada.

Eu explico: como me desagradava o casamento, lancei um feitiço para ele esquecer dela. Quando isso aconteceu, ela, para se vingar, me lançou de volta um encantamento que me prendeu embaixo desta árvore, de onde eu não posso sair até que o rapaz volte a se lembrar dela. (TAVARES, 2003. p. 23)

Para isso, ele precisa contar uma história de amor verdadeiro. O problema é que o vaqueiro sempre foi um homem calado e solitário, não sendo de sua personalidade se expor em público. No entanto, quando o nosso herói estava desesperado, ele encontra uma ajuda, ou melhor, é encontrado por ela. Surge então a cigana Gypsy (personagem criada pela escritora), que contará a história do pavão misterioso. Aqui está a terceira história, que é um dos mais famosos folhetos da literatura de cordel. Nesse folheto é contada a história de amor de Evangelista, um rico herdeiro turco, e Creuza, uma donzela filha de um conde grego, soberbo e tirano. A jovem donzela foi criada pelo pai sempre presa, sem poder se casar, ficando prisioneira em uma torre muito alta. Para salvar a princesa da tirania do pai, Evangelista encomenda a um engenheiro grego um aparelho que pudesse levá-lo à torre onde sua amada estava. O velho cientista Edmundo criou, então, o pavão misterioso:

O grande artista Edmundo  
Desenhou nova invenção  
Fazendo um aeroplano  
De pequena dimensão  
Fabricado de alumínio  
Com importante armação.

Movido a motor elétrico Depósito  
de gasolina Com locomoção  
macia Que não fazia buzina  
A obra mais importante  
Que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque As asas  
como pavão Pescoço, cabeça e  
bico Lavanca, chave e botão

Voava igualmente ao vento Para  
qualquer direção.

Quando Edmundo findou  
Disse a Evangelista:  
— Sua obra está perfeita ficou  
com bonita vista  
o senhor tem que saber que  
Edmundo é artista.

Eu fiz o aeroplano  
da forma de um pavão  
que arma e se desarma  
comprimindo em um botão e  
carrega doze arroba  
três léguas acima do chão.

Com ajuda de Edmundo e do pavão misterioso, Evangelista consegue, após diversas tentativas, salvar sua condessa da torre onde esteve presa durante toda a sua juventude. Casaram-se e herdaram a riqueza do conde. O pavão misterioso, narrativa em verso, de José Camelo de Melo Rezende, foi adaptada para a prosa, pela escritora. É um folheto antológico da literatura de cordel e considerado, por alguns, como o maior folheto de todos os tempos. Nesse cordel a cultura nordestina é relatada, principalmente, através de aspectos linguísticos. É válido lembrar, aqui, de uma das funções da literatura, que, segundo Eco (2011, p. 10), é a de “[...] contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade.”.

Essas são as narrativas que se entrelaçam na novela. É notória a presença de aspectos comuns entre histórias, como amor, aventura e coragem, elementos sempre presentes nas várias histórias, de *A botija*.

## **ASPECTOS MEMORIALÍSTICOS NA OBRA**

Ao recontar histórias que ouviu na infância, a escritora faz um resgate memorialístico, valorizando a cultura na qual foi criada. Através da narrativa, nota-se a presença de aspectos que remontam uma época em que as viagens eram feitas a cavalo, por meio das matas e em que a crença em acontecimentos fantásticos era muito forte.

Em pleno o século XXI, seria inimaginável, para os moradores de uma capital, viajar a cavalo para qualquer lugar que fosse. No livro *A botija*, Pedro Firmo utiliza três meios de se locomover: a cavalo, de trem e a pé. Dessa forma, mesmo sem datar as narrativas, são narradas paisagens menos urbanas e mais rurais, que

poderiam se passar no sertão da primeira metade do século passado. A reescrita dessas histórias poderia ser feita utilizando aspectos mais atuais, como ônibus, motos ou até aviões. No entanto, as histórias são envoltas em ambientes como fazendas, rios e matas a ferrovia se estirava, cortando o chão de minas gerais[...] Pedro firme, sentado ereto no banco de madeira, sequer se dava conta da paisagem variada da região que passava diante da janela do vagão. Serras, chapadas, pastagens, capões de mato, campos e terras cultivadas, tudo isso desfilou diante do seleiro que olhava sem ver, vislumbrando na sua frente apenas o refulgir das moedas de ouro que estavam longe, mas guardadas à sua espera[...] A paisagem das Gerais começavam a dar lugar à caatinga e já se viam os juazeiros, aroeiras, quixabeiras, xiquexiques, facheiros, mandacarus... (TAVARES, 2003, p. 17-18)

O herói anda a cavalo, Eulália e Flaviano fogem a cavalo. Já o pavão misterioso, mesmo sendo um invento de um grande engenheiro, é envolto em um clima mais fantástico do que científico, misturando ciência e magia, tratando ambas como indissociáveis. O “aeroplano da forma de um pavão” é uma invenção feita para uma fuga de amor, fuga que dialoga com as histórias de princesas salvas por príncipes.

Assim, há na narrativa a presença de aspectos que remontam ao passado, chegando a dialogar com os amores de conto de fadas. Outro ponto interessante é a feitiçaria e a presença da cigana, como elementos misteriosos, herméticos e fantásticos.

Todos esses aspectos dotam a novela de características intrínsecas às narrativas da cultura popular. São recorrentes na literatura oral, histórias de corajosos vaqueiros (lembrando o cavaleiro medieval), fugas de amantes, feitiçaria e outros acontecimentos do mundo fantástico. Para Cascudo:

O conto popular revela informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Encontramos nos contos vestígios de usos estranhos, hábitos desaparecidos que julgávamos tratar-se de pura invenção do narrador (1999, p.249).

Percebe-se assim, uma possível tentativa da escritora de resgatar, através da escrita, as memórias da infância, e da literatura que tanto a influenciou. Com isso, Clotilde Tavares faz com que os leitores de várias idades se encantem com o meio

em que a história se passa. Para os leitores mais jovens, a leitura proporciona conhecimento de uma cultura de um passado distante, de palavras e costumes diferentes, e novos aos seus olhos. Para o leitor que vivenciou uma realidade parecida com a relatada no livro, há um sentimento memorialístico, saudosista, que resgata o passado, exaltando a nostalgia.

## **GIPSY E EULÁLIA E A CONSERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

Todo o desfecho de *A botija* acontece a partir da viagem de Pedro Firmo, que dessa forma passa a ser o protagonista. No entanto, há outras personagens que têm papéis muito importantes no livro, como a cigana Gipsy e a feiticeira Eulália. As figuras femininas são diversificadas, existindo desde a indefesa Creuza às fortes e independentes Gipsy e Eulália.

Gipsy é uma cigana misteriosa, que surge de repente para salvar o nosso herói. Ela é conhecedora de destinos e de histórias que podem mudar o rumo da vida daqueles que a escutam. É com esse dom que nossa heroína ajuda Flaviano a se recordar de seu grande amor Eulália. Deve-se destacar aqui a importância da literatura na vida das pessoas, a mudança do destino, causada pelo simples fato de se ouvir uma narrativa. Isso está presente no livro e pode ser visto como a ratificação do papel das narrativas nas vidas das pessoas. O ambiente no qual a cigana conta sua história é a feira. Aqui, temos um aspecto muito relevante para a cultura, o conhecimento e a história oral. As feiras, durante muito tempo, foram a “Ágora”, em diversas partes do nordeste. Sendo elas de importância não só comercial, mas cultural. Esses são os pontos nos quais, mais explicitamente, a cultura popular é destacada, assim como a importância do contador de histórias, para a memória, a cultura e a literatura. Gipsy não é somente uma “contadeira” de histórias, mas sim uma preservadora da identidade sertaneja e da literatura de um povo. Ela, como mulher que viaja o mundo a conhecer, ouvir histórias e recontá-las, preserva e dissemina o conhecimento entre os meios populares.

Eulália, por sua vez, é a filha única de um grande feiticeiro, que a criou para herdar toda sua riqueza material, intelectual e sobrenatural. Assim, como a cigana, Eulália é encarregada à missão de preservar o saber, a memória e a cultura de seus antepassados.

[...] esse velho era um homem de muito poder, de muita sabedoria [...] Sabia ler o futuro pelas linhas da mão e era capaz de prever se ia ou não haver inverno [...] Esse velho tinha uma filha, uma moça muito bonita e extremamente inteligente. Chamava-se Eulália e o pai resolveu que ela jamais se casaria, pois o seu destino seria receber toda a sabedoria acumulada por ele e vir a se tornar a mulher mais poderosa e mais sábia da região, e com isso acumular muito dinheiro, terras e rebanhos. (TAVARES, 2003, p. 32)

Notamos, mais uma vez, o papel feminino de preservar a memória da sua ascendência. Mesmo sendo detentora de grandes conhecimentos, riquezas e poderes sobrenaturais, nossa heroína não resiste a um dos sentimentos mais fragilizantes do ser humano, o amor. Apaixonada por Flaviano, a feiticeira desafia o pai, fugindo de casa e enfeitiçando o seu algoz, que não queria que ela se relacionasse com ninguém.

Em sua escrita, Clotilde Tavares reconta e cria a história de mulheres detentoras e guardiãs do conhecimento, do amor, da cultura e da literatura. Essas personagens parecem refletir a visão popular sobre a força, a beleza e os mistérios da mulher de forma universal. Essas narrativas, oriundas da literatura oral, parecem desconstruir a crença da mulher como sendo frágil, imatura e submissa, muitas vezes propagada pelo machismo, presente na cultura nordestina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em sua novela, Clotilde Tavares resgata narrativas de sua infância, enchendo *A botija* com sonhos e cultura. O livro é repleto de pontos dignos de serem estudados, que merecem um estudo posterior. A presença da valorização da literatura oral, das paisagens interioranas dos sertões e do papel da mulher na preservação da memória e cultura são pontos que fazem *A botija* ser um livro antológico. A leitura da novela, a nosso ver, desperta nos mais diversos tipos de leitores paixão pela cultura sertaneja, pelo misticismo e pela literatura oral.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. Disponível em <http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8635992/3701> Acesso em: 27, de Outubro de 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 10. Ed. São Paulo: Ediouro, 1999.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. Rio de Janeiro: Record, 2003. MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos**. São Paulo: UNESP, 2000.

TAVARES, C. **A botija**. Disponível em: <http://umaseoutras.com.br/a-botija/> Acessado em: 22 de Novembro de 2015.

TIMBÓ, Margarida Pontes. **A identidade e representação do Ceará na literatura de cordel**: análise dos cordéis o Romance do Pavão Misterioso e As proezas de João Grito. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1535/1199> Aceso em: 23 de Novembro de 2015.